JORNALISMO CIENTIFICO: O ESPAÇO DE C&T NOS JORNAIS IMPRESSOS DE MANAUS[1]

Andréia Mayumi[2]
Joyce Souza[3]
Ivânia Vieira [4]
Maria Olívia de A. Ribeiro[5]

Resumo

O presente trabalho teve por objetivo realizar o levantamento dos quantitativo e qualitativo do espaço ocupado, na mídia impressa de Manaus (AM), pelas notícias referentes à área de Ciência & Tecnologia (C&T). O presente trabalho é uma reflexão crítica sobre esse lugar, a partir das matérias publicadas nos jornais diários: A Crítica, O Estado do Amazonas, Diário do Amazonas, Amazonas em Tempo e Jornal do Commercio, no período de julho a dezembro de 2004. A meta foi enfatizar a questão da divulgação de C&T na capital amazonense por meio dos veículos de jornalismo impresso, suscitando a discussão quanto a visibilidade e especificidade dos espaços disponíveis e a necessidade de formação de corpo editorial especifico para a matéria afim de melhor democratizar e popularizar a ciência e sua aplicabilidade no desenvolvimento do estado do Amazonas.

Palavras Chaves
1. Ciência; 2. Jornalismo Científico; 3. Cidadania

Introdução

O jornalismo é um lugar privilegiado para o discurso público, seja qual for a modalidade pela qual se apresenta (econômico, investigativo, cultural, político, cientifico). Tal condição histórica amarra a essência e a prática jornalísticas a um compromisso maior: o de ter função pública. O jornalismo científico é herdeiro dessa vocação.

E qual é a importância, para a sociedade, do jornalismo científico e da capacitação de jornalistas nessa área? Krieghbum (1970, p.25), citado por Pretto (1993), afirma que "o

---

[1] Trabalho apresentado à Sessão Temas Lives e desenvolvido na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM como parte do Projeto "Popularização e Acesso ao Conhecimento em C&T" do Programa de Gestão em Ciência e Tecnologia PGCT.

[2] Jornalista, Bolsista AT do Projeto "Popularização e Acesso ao Conhecimento em C&T". E-mail: andreiamn@yahoo.com.

[3] Aluna de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Bolsista de Apoio Técnico - AT do Projeto "Popularização e Acesso ao Conhecimento em C&T".

[4] Jornalista, Coordenadora do Projeto "."Popularização e Acesso ao Conhecimento em C&T" vinculado ao Programa de Gestão de Ciência e Tecnologia - PGCT. E-mail: ivvieira@uol.com.br .

[5] Pesquisadora, Chefe do Departamento de Difusão do Conhecimento – DECON/FAPEAM. Rua Recife, CEP 69. 000-000. Manaus - AM. e-mail decon@fapeam.am.gov.br.

mundo de hoje é feito e controlado pela ciência, portanto, qualquer um de nós que abdique do interesse científico está fadado a caminhar de olhos abertos para a escravidão". Uma condição a ser rechaçada por homens e mulheres em todo o mundo, e condenada pela ciência e o jornalismo, pois, fere o princípio da humanidade. Somente esse aspecto já responderia ao questionamento, a negação à escravidão.

A ciência se instaura pela necessidade do conhecimento. As incursões científicas se realizam na busca do porquê. Derivada do latim *scire*, ciência significa conhecer. Seus objetivos, de acordo com Gressler (2003) são o controle prático da natureza, descrição e compreensão do mundo e a previsão, no espaço e no tempo, de fenômenos e acontecimentos. Enquanto produto social, sua razão de ser é a sociedade e sua meta o progresso da humanidade. Para dar conta dessa tarefa, cientistas e instituições que produzem conhecimento têm como dever de ofício e responsabilidade ética, disseminar e divulgar o novo saber aos povos.

Parece óbvia que as coisas assim aconteçam. Mas, não é. O Brasil não conseguiu, até hoje, implantar uma política de governo nessa área. As iniciativas são pontuais e particularizadas. O jornalismo científico é uma das ferramentas importantes da divulgação científica. Pode traduzir, para um grande público, a linguagem fechada dos cientistas e contextualizar a importância da pesquisa realizada ou em realização. No entanto, no *agendamento* dos assuntos relevantes, a divulgação da ciência e da tecnologia é colocada como secundária.

Neto (2002) aponta pelo menos duas motivações geradoras desse quadro. O fato de a ciência ser algo deixado de lado pelos governos e pouco compreendida pela população, conseqüentemente, a mídia não reserva maior atenção a essa área. Diz o autor: "Qualquer cantor de rock com sucesso moderado tem muito mais importância para a imprensa, para não falar de jogadores de futebol".

Oliveira (2002) invoca o conceito de *cultura científica*, incluído no Relatório Mundial de Ciências da Unesco, em 1996, quando apresentou um ensaio sobre a importância e a necessidade universal de uma cultura científica. Algo com o qual o País ainda não se confrontou. Motoyama (1984), citado por Gressler, afirma que a ciência no Brasil é um corpo estranho e, visceralmente, vivida nas universidades. O atraso brasileiro no campo científico, para Gressler, tem razões históricas. A tradição maciçamente literária e religiosa

de Portugal transportada ao Brasil, no período colonial, seguida por uma forte repressão cultural imposta pelos portugueses aos brasileiros, vetando a abertura de bibliotecas, tipografias e universidades até à chegada da família real.

A concepção de universidade do saber, da busca do novo, da descoberta, instituída por Humboldt, no século XIX, na Alemanha, só vai surgir no Brasil 150 anos depois.

Não é surpresa, dentro desse contexto, a existência do que Oliveira (id.) classifica de demanda reprimida quando o tema é divulgação de C&T. O jornalismo científico pode, por suas características, cumprir papel importante. Segundo Bueno (2004), o jornalista científico é privilegiado, pois, tem voz, acesso à opinião pública, o dever de democratizar o conhecimento e incluir os menos favorecidos no debate. "A história tem demonstrado que os poderosos tendem a se apropriar das boas coisas para perpetuar o *status quo* que lhes mantêm no topo", (Id).

Simplificar a linguagem científica, uma das razões da existência de um jornalismo especializado em C&T, não significa abandonar ou minimizar as exigências do jornalismo quanto à exatidão, clareza e responsabilidade com a informação. O papel do jornalista é de agente facilitador no processo de comunicação em que o cientista é o emissor e o público — heterogêneo, amplo — o receptor.

A premissa de que a sociedade deve dispor de meios para compreender o discurso científico é importante porque a linguagem utilizada por grande parte dos cientistas é excludente em si mesma. Em alguns casos, o processo de divulgação da ciência para o grande público acaba sendo entendido como uma questão patrimonial, como destaca o autor a seguir:

> *Desta visão da ciência como patrimônio comum da humanidade se origina a missão quase sagrada do jornalismo científico, que consiste em pôr ao alcance da maioria os conhecimentos de uma minoria, adquiridos ao largo da história por pequenos grupos de homens empenhados na tarefa fascinante de medir, contar, descrever e explicar o universo, a natureza, o homem e a sociedade.* (CALVO HERNANDO, 1990: 63).

Calvo Hernando destaca o jornalismo científico como atividade importante porque torna conhecido o trabalho do cientista, enfatizando a utilidade social da pesquisa. Uma outra dimensão relevante nessa atividade é de colocar-se frontalmente contraria ao

enclausurado do fazer científico em torno de pequenos grupos sociais, os próprios cientistas. Sobre essa perspectiva, existe o chamado 'modelo do déficit' (Massarani, 2004), que diz respeito à popularização da ciência. Conforme enfatiza o autor, "a divulgação científica se baseia na estratégia de transferência de pacotes de conhecimento científico de um grupo privilegiado e culto para as seções menos educadas da população" (Id. p. 10).

No Amazonas, o diálogo entre a ciência e a mídia é muito frágil. Repete-se aqui, com maior intensidade, aquilo que Neto denominou de "coisa deixada de lado". A retomada da democratização no Brasil trouxe à cena pública, nos últimos 20 anos, um perfil populista de administradores públicos. C&T passou à margem das concepções de gestão pública adotadas nesse período. As mais tradicionais instituições de ensino e pesquisa da região – Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) -, reproduziram um modelo fechado de administração. Resultado: enormes dificuldades para dialogarem entre si, com a mídia e com a população.

Acesso e popularização à Ciência e Tecnologia

É possível identificar, a partir de 2003, um gradual esforço nacional e local para popularizar os saberes científicos. A semente, plantada no passado, principalmente pelas inquietações pessoais de figuras como o cientista e divulgador científico José Reis, o jornalista João Ribeiro, e de instituições como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), possibilitam vislumbrar um momento importante no presente. A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam), criada há dois anos, contemplou em sua estrutura o projeto "Popularização e Acesso ao Conhecimento em C&T".

Fomentado pela Fapeam, o projeto está vinculado ao Departamento de Divulgação do Conhecimento Científico (Decon) da Instituição. O trabalho tem como orientadora a professora do departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Msc. Ivânia Maria Carneiro Viana, a jornalista Andréia Mayumi e a graduanda em Jornalismo Joyce Souza.

A partir da criação da Fapeam, em 2003, e o desenvolvimento das estratégias do projeto, no ano seguinte, optou-se por gerar uma nova demanda relacionada ao jornalismo científico nos jornais impressos de Manaus.

Como agência fomentadora, a Fundação apóia estudos científicos nas mais diversas áreas do conhecimento e em inúmeras instituições de ensino e pesquisa situadas no Amazonas. Para tanto, a instituição dispõe de um volume fixo de capital, proveniente do orçamento do Estado. Além de promover a divulgação dos estudos científicos em andamento, a Fapeam utiliza esses mecanismos para analisar o seu processo de comunicação com a sociedade sob o viés de prestação de contas do dinheiro público.

A importância disso está diretamente relacionada ao fato de a Fapeam ser a instituição que gerencia a utilização da verba estadual destinada à pesquisa em C&T no âmbito estadual. É, pois, o órgão que serve de referência e parâmetro para que a sociedade seja informada sobre a importância do uso da verba pública no desenvolvimento de saberes científicos.

> *A ciência enriquece a vida e pode melhorar a vida de muitas pessoas. Os impostos públicos pagam a maioria dos projetos científicos e, portanto, as pessoas têm o direito de saber. Comunicar sobre ciência tornou-se parte da responsabilidade ética e profissional dos cientistas.* (JOUBERT, 2004, p:18)

Metodologia

Por meio do levantamento, nos cinco jornais que circulam diariamente em Manaus (A Crítica, Amazonas em Tempo, Diário do Amazonas, O Estado do Amazonas e Jornal do Commercio), foram selecionadas todas as matérias publicas nos meses de julho a dezembro de 2004. Dos cinco jornais, dois deles - A Crítica e o Diário do Amazonas, circulam em outros municípios amazonenses localizados próximo à capital.

Matérias jornalísticas locais e nacionais, com abordagens na produção de conhecimento científico, desenvolvimento de produtos e processos, conhecimento tradicional, participação de pesquisadores em congressos, eventos da área e investimentos no setor entraram na coleta de dados.

Para a análise, são considerados: o veículo, a editoria, a página onde o texto foi publicado e a procedência da matéria.

Na Fronteira do Jornalismo Cientifico

Das 110 matérias selecionadas, 46 (42%) tiveram como lugar de origem as instituições de fomento à pesquisa e de ensino e pesquisa, na forma de *press release*. 64 (58%) produzidas pelas equipes de jornalistas dos próprios jornais (Figuras 1 e 2).

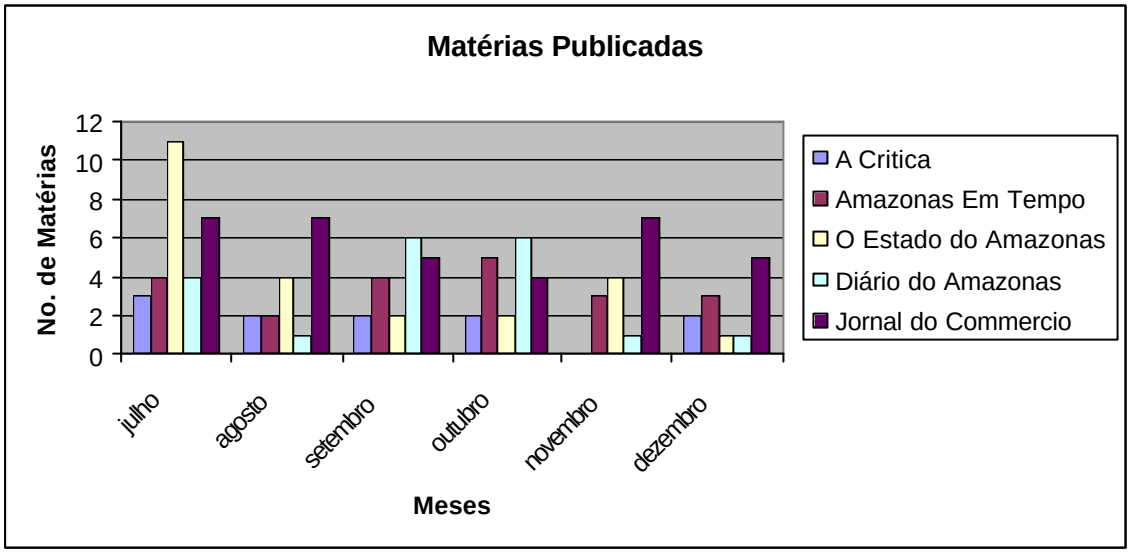

Figura 1. Número de matérias de C&T publicadas nos jornais de Manaus no período de julho a dezembro de 2005.

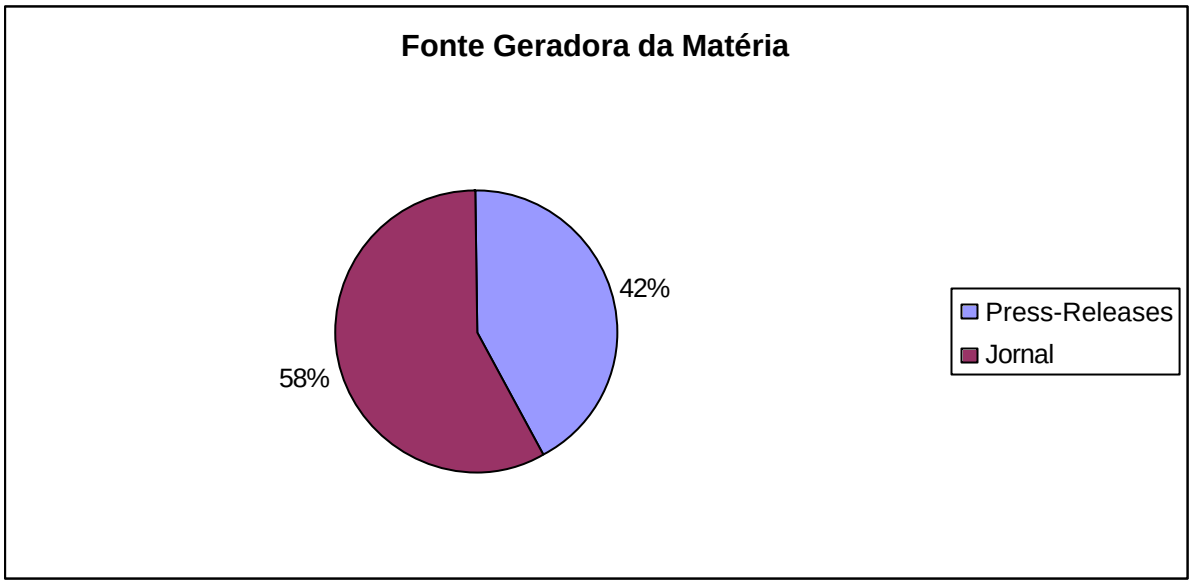

Figura 2. Fonte geradora das matérias de C&T publicadas nos jornais de Manaus no período de julho a dezembro de 2004.

A participação preponderante do *press-release*, como matéria acabada (regularmente deve funcionar como sugestão de pauta), indica a necessidade de um outro debate envolvendo o papel das assessorias de comunicação e/ou de imprensa, a qualificação dos assessores e da organização assessorada. Se o *release* é publicado tal qual chegou à redação, maior deve ser a responsabilidade do/da profissional que o elabora. Jornalisticamente, não pode ser uma peça publicitária, nem instrumento de barganha e deve conter informações de interesse público. Não deve ser banalizado. Esse contexto também se reflete nas notas publicadas como pode ser verificado nas figuras 3, 4 e 5.

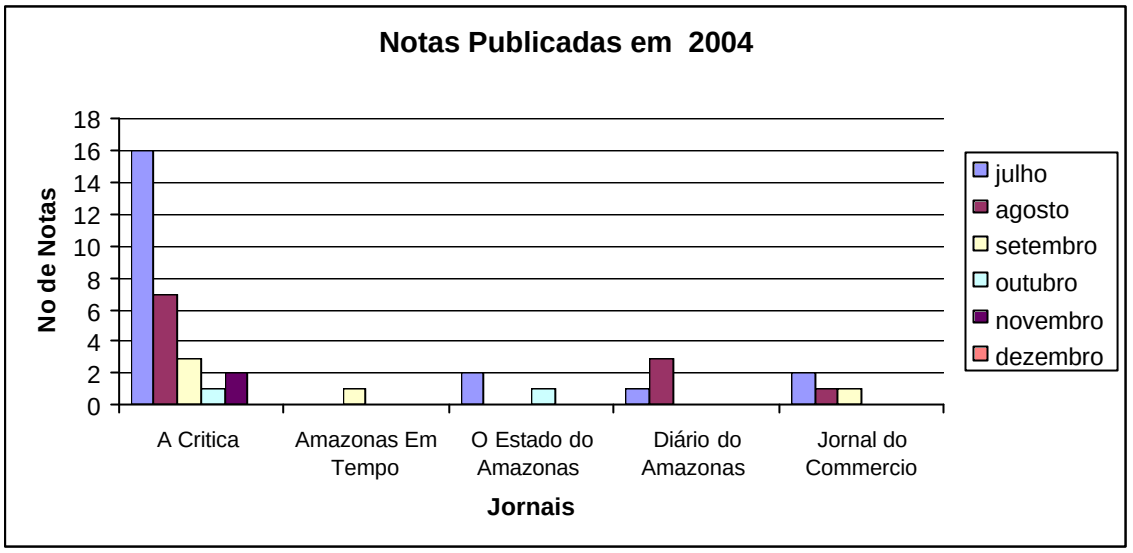

Figura 3. Número de notas de C&T publicadas nos jornais impressos de Manaus no período de julho a dezembro de 2004.

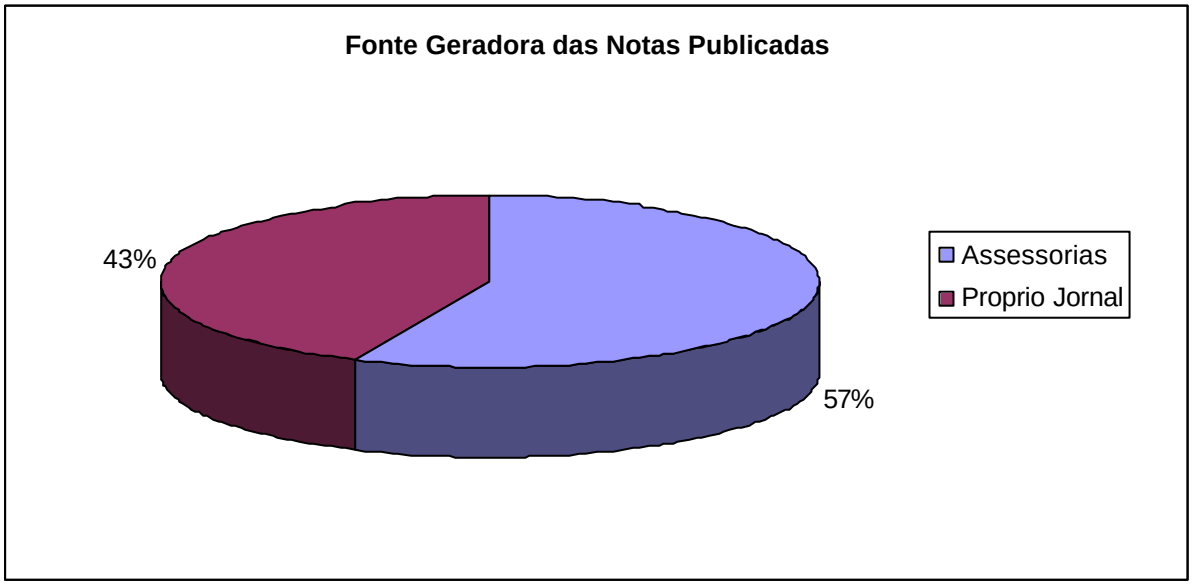

Figura 4. Fonte geradora das notas de C&T publicadas nos jornais de Manaus no período de julho a dezembro de 2004.

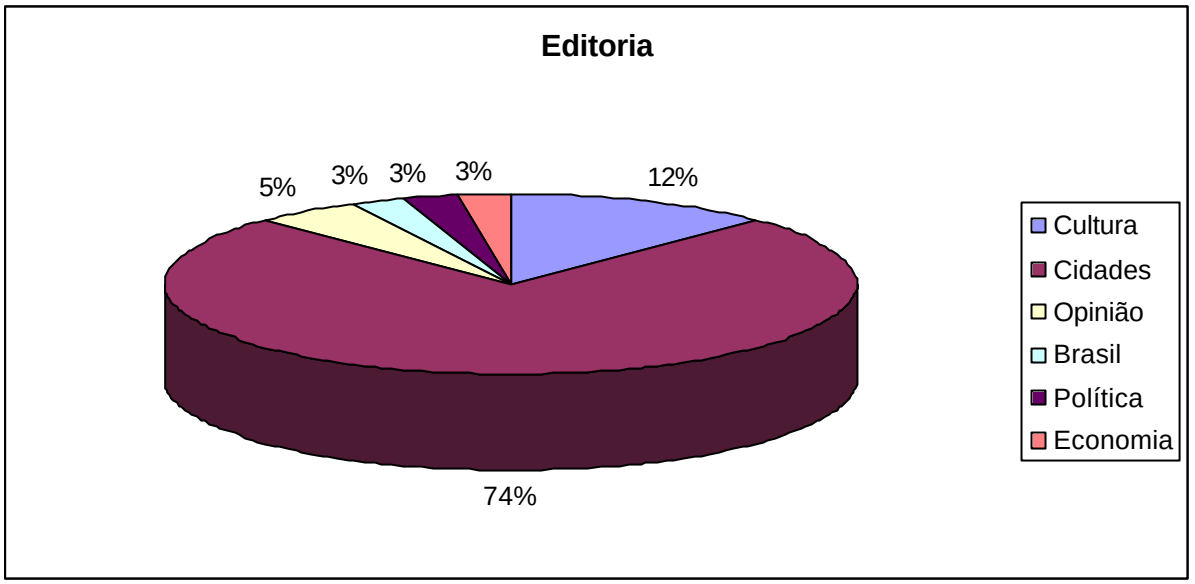

Figura 5. Editoria de publicação das notas referentes a C&T em jornais de Manaus no período de julho a dezembro de 2004.

Dentre os jornais estudados, o Jornal do Commercio, com foco no jornalismo econômico, dando ênfase às notícias do Pólo Industrial de Manaus, criou, no ano passado, um selo específico para C&T, no caderno Entretenimento & Negócios. Durante dez meses, o espaço abrigou, com destaque, as matérias da área. Mudanças na linha editorial do caderno, a partir de janeiro deste ano, levaram à supressão do espaço. O editor de opinião e da primeira página do jornal, Renan Albuquerque, explica que o fim do selo está relacionado não com o desinteresse popular por assuntos científicos, e sim com "questões internas e de falta de estrutura do próprio jornal". Hoje, o jornal não tem um lugar previamente determinado para C&T. Na nova concepção editorial do jornal, qualquer editoria publica matérias de ciência & tecnologia. O selo nasceu a partir de sugestões apresentadas pela Fapeam, por meio do projeto Popularização e Acesso ao Conhecimento Científico e Tecnológico. Idêntica proposta receberam outros dois jornais – A Crítica e Diário do Amazonas.

O estudo sobre o lugar das matérias de C&T na mídia impressa, revelou que os jornais não têm um espaço específico para abrigá-las. Esse comportamento editorial deve ser objeto de estudos. Afinal, não situar o público leitor, aguardando dele a decisão de

pesquisar onde está o material, é um risco à empresa jornalística? Por que? De que forma o leitor lida com esse comportamento?

No dia 21 de julho do não passado, o Estado do Amazonas publica, no caderno de Economia, a seguinte matéria "Indígenas se reúnem para debate". O texto tratava da participação dos povos e lideranças indígenas na 56º Reunião da Sociedade Brasileira para o progresso da ciência (SBPC), Dentro da lógica vigente da divisão dos espaços do jornal (as editorias), uma abordagem como essa não caberia na seção de Economia.

Considerando o total das matérias publicadas pelos cinco jornais de Manaus e as características das mesmas, é possível afirmar que nem sempre o ato da publicação do material realiza o jornalismo científico. Este exige mais. Declarações de dirigentes governamentais e de instituições vinculadas à C&T, a respeito de liberação de verbas ou abertura de editais, por exemplo, não são divulgação científica. No máximo, jornalismo declaratório.

A presença expressiva do *press release* como material impresso pela mídia; a reduzida qualificação dos jornalistas nessa área (os cursos de Jornalismo existentes na cidade não contemplam o jornalismo científico em suas grades curriculares, o que afeta a formação profissional); e a indefinição editorial com que o tema é tratado forjam um quadro preocupante. Mais ainda quando se fala a partir de uma região como a Amazônia que abriga a maior sociobiodiversidade do planeta. A ciência e o jornalismo científico têm responsabilidade direta nesse universo cada vez mais pressionado para oferecer respostas não aos povos que nele habitam e sim a um mundo exaurido em seus recursos naturais.

O levantamento do qual trata este artigo indica um distanciamento enorme entre quem produz ciência e quem produz informação jornalística; e um nível de deficiência que propicia a ocupação do espaço do conhecimento por arranjos supostamente jornalísticos. Todos perdem com esse tipo de percepção. É um péssimo negócio para jornalistas, cientistas, empresas de comunicação e à sociedade. Aos cientistas e às instituições públicas de C&T fica o desafio de pensar e propor políticas de comunicação científica para o grande público. Ao jornalismo e aos jornalistas científicos o de reivindicar e não abrir mão do papel que têm: não perder de vista a ciência e torná-la compreensível ao povo, contribuindo para que mulheres e homens, melhor informados, tenham maior poder de decisão sobre que política científica o município, a região e o País devem ter.

Bibliografia

DINES, Alberto. O papel do jornal: uma releitura. São Paulo: Summus, 1986.

CALVO HERNANDO, Manuel. **El periodismo del III milenio**. Revista Arbor. nº 534-35: 59-71.1990.

CALDAS, Graça. Mídia, ciência, tecnologia e sociedade. Revista Fapesp Pesquisa, dezembro 2000, nº 60, p.8, em www.jornalismocientifico.com.br, dia 27/05/2005

BUENO, Wilson da Costa. Entrevista concedia a Allan Novaes, do site www.canaldaimprensa.com.br, de 28 de abril de 2005, 44.ª edição Retirado em 26 de maio de 2005

Kovagh, Bill & Rosenstiel, Tom – Os Elementos do Jornalismo, Geração Editorial, São Paulo, 2003.

Manual de Comunicação e Meio Ambiente, WWF/Brasil e Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), Editora Peirópolis, São Paulo, 2004

OLIVEIRA, Fabíola – Comunicação Pública e Cultura Científica in MÍDIA E TOLERÂNCIA: A Ciência Construindo Caminhos da Liberdade. Edusp, São Paulo, 2002.

NETO, Ricardo Bonalume – A Divulgação Científica entre o martelo e a bigorna in MÍDIA E TOLERANCIA: A Ciência Construindo Caminhos da Liberdade. Edusp, São Paulo, 2002.

PRETTO, Nelson – A Ciência nos meios de comunicação – Intercom – Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, vol. XVI, nº 2, julho/dezembro, 1993.

GRESSLER, Lori Alice – Introdução à Pesquisa: projetos e relatórios. Edições Loyola, São Paulo, 2003.